



PAULO DELGADO

contato@paulodelgado.com.br

Com Henrique Delgado



COLETE, POLUIÇÃO E SABEDORIA

Na estreita Rua Varenne, no coração envelhecido de Paris, a mansão Matignon, cujo inquilino é o primeiro-ministro, abriu seus portões para receber alguns representantes do movimento dos coletes amarelos. Eles não foram. No sábado, ontem, como é de praxe em dias de protesto, a rua foi interditada. A França, que tem o modelo mais organizado para enfrentar protestos, foi apresentada à era dos protestos sem rosto. São legiões horizontais, sem nome, e quando alguns líderes despontam são cortados por qualquer um que tenha um celular à mão. É o outro lado da modernidade intuída por Macron, que é a de fazer política sem partidos e outras instituições de representação tradicionais. Vai bem, até a hora que desanda. Paris em pânico, sem saber do que está se defendendo, teve de fechar até áreas turísticas e museus.

E, assim, será cada vez mais neste mundo de poder popular ficcional, mas livre, e Estado centralizado, demorado e indiferente. O planeta é um sistema fechado com recursos finitos, menos os governos de seus países que gastam até quebrar a natureza e irritar o cidadão. Que decide sair aos montes, anônimos em Paris, ou solitariamente, com o celular na mão, dentro de um avião no Brasil, filmar a crítica que faz à autoridade.

Vivemos sob o manto da insustentabilidade. Tudo pode ficar escasso, mas a falta de sensibilidade da elite do Estado para com a irritação do povo, começa a ameaçar a estabilidade do mundo. A começar pela irracionalidade que é manter o petróleo como principal combustível do progresso. É melhor não brincar com a poluição, ela contamina a vida de todos.

Andrzej Duda, que preside o atual governo conservador da Polónia, recebeu a conferência sobre mudança climática da ONU deste 2018 e lembrou que trabalhar para evitar a mudança climática é fundamental, mas não pode ser feito de uma forma que atrapalhe o crescimento de países em desenvolvimento. Simplesmente porque é injusto. Num mundo onde o governo dos Estados Unidos, país mais rico e poderoso do mundo, diz que não é problema dele, todos devem cooperar para salvar o planeta, mas com inteligência e criatividade para salvar também os seus. Não conversar com quem protesta, mandar prender quem critica, se não é asneira é tolice. Maior exemplo da Terra — de erros, acertos, meios, caminhos e resistências — se chama China.

As dívidas chinesas, pública e privada somadas, alcançam a cifra de US\$ 34 trilhões. Isso são 17 PIBs brasileiros de 2017. A China entendeu como ninguém as regras do jogo e acumulou ao longo dos anos reservas cambiais que hoje somam mais de US\$ 3 trilhões. Junto a isso mantém sua conta de capitais fechada para o exterior, conseguindo, pela soma das duas coisas, financiar dessa forma estratégica seu desenvolvimento. Uma maneira que nenhum outro país do mundo, à exceção dos EUA, consegue.

O realismo de Trump é baseado na constatação de que os EUA foram engabelados no jogo que eles mesmos criaram e não detém instrumentos tradicionais de coação da China. Ao se tornar o maior PIB do mundo, a China, isolada em sua cultura de comerciantes, pode, sim, tirar os EUA da posição imperial.

E Trump pode, sim, estar “esquentando” a Terra para ganhar tempo e esfriar a China. A morte de George H. W. Bush, que foi, antes de ser presidente, embaixador em Pequim, jogava tênis com as lideranças chinesas e circulava de bicicleta pela cidade, é o símbolo maior da passagem de uma abordagem de confiança e relações pessoais que ajuda a explicar o crescimento chinês dos últimos 40 anos.

A China cresceu porque os EUA deixaram, para ganhar dinheiro, muito dinheiro, com isso. Porque, de Nixon para frente, passou a ter muitos bons amigos em Washington. Os maiores sendo Bush pai e Henry Kissinger, hoje com 95 anos de idade. O crescimento chinês deve mais a jantares do que ao chão de fábrica. O primeiro fator tem precedência, relações públicas, busca de senso comum. O desespero atual é como negociar com alguém que não sonha. Planejamento com sonho, mais produtividade e endividamento, é a outra face do investimento. Futuro é sonho, diálogo, pois a vida só no presente é brutal, estaque e curta.

Os coletes amarelos na França são sinais de uma revolução que não começou ali, mas na Primavera Árabe de 2010 e passou pelo Brasil, em 2013, e na greve dos caminhoneiros. Existe por conta dessa tecnologia de comunicação e informação, que reúne as empresas mais valiosas do mundo. Cabeça, inteligência e ideias. Destroem e constroem o mundo. Não há limites para esse crescimento. Todavia, só vale a pena se for com boa vontade, bondade e razão, virtudes sem as quais o crescimento pode se tornar uma péssima forma de governar sem sabedoria.

■ Paulo Delgado, sociólogo

ESTADOS UNIDOS/ Documentos apresentados por promotoria acentuam suspeitas de ingerência de Moscou na eleição americana de 2016. Donald Trump nega conluio

Russos teriam oferecido “sinergia”

Documentos protocolados por promotores norte-americanos reforçam as suspeitas de apoio russo ao então candidato republicano à Casa Branca Donald Trump. A campanha teria recebido uma oferta de cooperação “política” de Moscou, o que resultaria em “sinergia política” e “sinergia em nível governamental”, de acordo com o material apresentando pela equipe do procurador especial Robert Mueller e promotores de Nova York. Pelo Twitter, Trump desmereceu as novas evidências. “Depois de dois anos e milhões de páginas de documentos (e um custo de mais de 30 milhões de dólares), não há conluio!”, escreveu o presidente, que fez referências a novas denúncias do Departamento de Justiça sobre pagamentos a mulheres para evitar um escândalo sexual durante a eleição (**Leia ao lado**).

Segundo a promotoria, os documentos mostram que houve contatos previamente não revelados entre Trump e intermediários russos e sugerem que o Kremlin pretendia, desde cedo, influenciar a campanha do republicano, jogando tanto com as aspirações políticas quanto com interesses comerciais pessoais do então candidato à Presidência. Michael Cohen, à época advogado pessoal de Trump, teria mantido contato com uma “pessoa de confiança” do governo russo que teria oferecido “sinergia política” e “sinergia em nível governamental”.

Trump: “Hora de acabar”

Também em reação às novas evidências de interferência russa nas eleições de 2016, o presidente Donald Trump renovou o pedido para que a investigação federal sobre o caso seja encerrada. Segundo ele, trata-se de “caça às bruxas”, que, “depois de dois anos e milhões de páginas de documentos” não comprovou a existência de conluio. “Hora de a Caça às Bruxas acabar!”, escreveu o republicano, em uma mensagem no Twitter.

O tuíte também citou o apresentador de televisão Geraldo Rivera, um amigo de Trump, descartando qualquer alegação de conluio entre a campanha de Trump e a Rússia como “ilusório”. Democratas e outros críticos de Trump temem que o recém-nomeado procurador-geral interino Matthew Whitaker, leal a Trump, possa demitir o promotor especial Robert Mueller ou atrapalhar a investigação, cortando, por exemplo, seu financiamento. Republicanos garantem que não há risco de interferência.

Ataque falso

Um novo mal-estar entre Washington e Moscou envolve uma ação contra rebeldes na Síria. Os EUA acusam a Rússia de divulgar um falso ataque químico em Aleppo com o objetivo de enfraquecer a trégua em Idlib, o último grande bastião da oposição ao presidente sírio, Bashar al-Assad. Segundo os americanos, no último dia 24, o regime sírio utilizou gás lacrimogêneo contra civis para simular um ataque dos rebeldes com cloro. A Rússia respondeu com bombardeios aéreos, debilitando a trégua vigente desde meados de setembro.

Washington, porém, afirma ter “informação confiável” de que a história é falsa e de que autoridades pró-regime alteraram o local do ataque “antes de uma investigação adequada da Organização para a Proibição de Armas Químicas”. A embaixada russa em Washington informou que o Ministério da Defesa não descarta que as acusações “tenham por objetivo distrair a opinião pública diante dos crimes da aviação americana no país do Oriente Médio.”

Alexander Nemenov/AFP



Segundo promotores, foi ofertado um encontro entre Putin e Trump

O russo teria repetidamente proposto uma reunião entre Trump e o presidente Vladimir Putin, alegando que o encontro poderia ter um impacto “fenomenal” “não apenas na política, mas em uma dimensão empresarial”, dizem os promotores. Os documentos foram entregues ao tribunal de Nova York, que julga Michael Cohenn, na sexta-feira. Segundo os promotores, “Cohen enganou o público eleitor ao ocultar supostos fatos que achava que teriam um efeito substancial na eleição.”

Mentiras

A equipe de investigação também entregou à Justiça detalhes sobre as alegações de que o ex-chefe de campanha do presidente Paul Manafort mentiu

ao FBI sobre os contatos que mantinha com os funcionários da administração após firmar o acordo de delação e sobre negociações com Konstantin Kilimnik, seu sócio comercial que supostamente seria um agente da Inteligência russa. “O acusado violou seu acordo de delação de numerosas maneiras ao mentir para o FBI e para o gabinete do procurador especial.”

Manafort trabalhou cerca de seis meses na campanha Trump em 2016. Em setembro deste ano, concordou em se declarar culpado das acusações de conspiração contra os Estados Unidos e obstrução à Justiça em um acordo para evitar uma segunda processo por lavagem de dinheiro e lobby ilegal. Na prisão, o ex-consultor surge como testemunha-chave do processo.

Ligação com crime federal

O Departamento de Justiça dos Estados Unidos afirmou que o presidente norte-americano, Donald Trump, teria ordenado pagamentos ilegais para comprar o silêncio de duas mulheres cujas alegações de casos extracônjugais ameaçaram sua campanha presidencial. É a primeira vez que os promotores ligaram Trump a um crime federal.

Em um processo judicial, os promotores disseram que o ex-advogado pessoal do presidente, Michael Cohen, organizou os pagamentos secretos no auge da campanha “em coordenação com e na direção de” Trump. “Em relação a ambos os pagamentos, Cohen agiu com a intenção de influenciar a eleição presidencial de 2016”, disseram os promotores.

Conforme a lei federal, quaisquer pagamentos feitos “para fins de influenciar” uma eleição devem ser relatados nas divulgações de financiamento de campanha. “Particularmente, como o próprio Cohen já tinha admitido, em relação a ambos os pagamentos, agiu em coordenação e seguindo instruções do Indivíduo-1”, acrescentaram, referindo-se a Trump.

Tecnicamente, os pagamentos não estão relacionados com a investigação sobre a Rússia, mas os promotores sugeriram uma imagem condenatória da “conduta criminal extensa” de Cohen.

MELHORES Momentos

SEX. 14. DEZ - 21H

CENTRO INTERNACIONAL DE CONVENÇÕES DE BRASÍLIA

RESERVA DE MESAS: (61) 3364-4730

60% DE DESCONTO SOBRE O VALOR DA INTEIRA*

*DESCONTO EXCLUSIVO PARA A LOJA BILHETERIA DIGITAL - BRASÍLIA SHOPPING

18 Não recomendado para menores de 18 anos.